

QUADRINHOS, HISTÓRIA E POLÍTICA: PENSANDO O MANGÁ O ZERO ETERNO

Janaína de Paula do E. Santo

RESUMO: O mangá “o zero eterno” (Einen no Zero, no original) é baseado em um romance publicado em 2006 no Japão. O livro se tornou rapidamente um sucesso no país, um dos livros mais vendidos de todos os tempos. Apesar de sua crescente difusão, a obra inspirou um crescente debate político. Seu autor, Naoki Hyakuta, conhecido membro do partido conservador japonês foi acusado de propagar terrorismo e optar por uma construção excessivamente nacionalista da história, ao produzir sua representação dos pilotos kamikazes. Neste texto, buscamos problematizar a obra quadrinizada de “O Zero Eterno” frente às disputas de narrativa histórica construídas pelo movimento nacionalista japonês e as diferentes possibilidades de diálogo entre uma obra em quadrinhos a história política e a história do tempo presente. A extrema direita têm ocupado espaços em todo o globo. Ainda que no caso do mangá, apareça embalado na forma de um objeto de consumo, e não de um espaço de disputa política, entendemos que a obra de Hyakuta permite problematizar aspectos da ascensão do pensamento conservador japonês contemporâneo e seus efeitos na constituição da cultura histórica nacional. De maneira geral o sentido da história vem sendo palco de disputas políticas entre grupos que buscam acender ao poder. E que, portanto, devem ser identificados e debatidos.

PALAVRAS-CHAVE: Mangá; Tempo presente; História política.

O ZERO ETERNO: O MANGÁ E A OBRA.

No presente texto, propomos uma investigação a partir do mangá “o zero eterno” (Einen no Zero, no original), obra baseada em um romance publicado no ano de 2006 no Japão. O livro se tornou rapidamente um sucesso no país, e hoje figura como um dos livros mais vendidos nos últimos anos por lá. Apresentado como um romance histórico, a história retratada em “o zero eterno” se apresenta como uma tentativa de resgate de um passado, que embora recente na história do país, sofreu uma espécie de silenciamento e esquecimento. Seu autor define sua escolha temática como a tentativa de construir o retrato de um passado de quem viveu uma época de guerra através do ponto de vista de quem nunca presenciou uma. Esse também foi o encaminhamento da divulgação do livro, que, entre seu ano de lançamento e 2013, tornou-se um dos mais vendidos da história do Japão. O sucesso de vendas trouxe a lume um debate midiático sobre o teor da obra. Também possibilitou que o enredo fosse tratado em outras linguagens, como um filme, que saiu em

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

2013 e liderou as bilheteiras no Japão atingindo a marca de 8 bilhões em lucro, ganhando o prêmio na categoria “Melhor Filme” do 38º Japan Academy Awards.

Também uma série, em três capítulos, que foi produzida no ano de 2015 e o mangá, em cinco volumes, manteve como roteirista Naoki Hyakuta, autor da obra original e foi desenhado por Souichi Sumoto. A obra é um romance histórico que trata de fatos reais - os esquadrões kamikazes - a partir de um relato ficcional.

A versão publicada no Brasil, pela editora JBC, que se auto-intitula a "maior editora de mangás do Brasil" é concebida com um formato e acabamento mais trabalhado, dentro da proposta de ser comercializada em livrarias e lojas especializadas. Isso faz com que o papel e a capa, em padrão laminado, sejam diferentes do usual em outros títulos da editora. Ainda assim, o sentido da leitura da esquerda para direita, padrão das edições japonesas foi mantido. A edição em português, traz um glossário no final com explicações mais detalhadas do contexto e dos personagens históricos além legendas explicativas durante o texto, em rodapé, normalmente referente a aspectos da tradução ou aquelas elaboradas pelo autor do mangá, que fazem referência, em sua maioria às particularidades tecnológicas dos esquadrões. No Japão, apesar do movimento crescente de aceitação e difusão, inspirou bastante controversa. Seu autor, Naoki Hyakuta, conhecido membro do partido conservador japonês foi acusado de propagar terrorismo e optar por uma construção excessivamente nacionalista da história.

Esta controvérsia aumentou depois que o primeiro ministro japonês, Shinzo Abe se declarou “profundamente comovido” com a adaptação cinematográfica produzida a partir do romance. Representante das alas mais conservadoras da política japonesa e envolvido com uma serie de disputas em torno da narrativa histórica no Japão, a declaração de Abe provocou uma serie de respostas negativas. Na China, o filme foi classificado de propaganda para o terrorismo antes mesmo de ser lançado. O diretor de cinema Kazuyuki Izutsu acusou a história de ter pouca base na realidade. Neste mesmo sentido, o premiado diretor Hayao Miyazaki, que também produziu uma animação ambientada na segunda guerra mundial, intitulada “vidas ao vento (Kaze Tachinu no original) enxergou na

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

narrativa de Hyakuta um retorno as “explicações fictícias” dadas à guerra, ainda no período imperial, e considera a ideia de reconstruir um senso de “orgulho “ frente as ações dos esquadrões suicidas uma simplificação que silenciaria a violência direta e simbólica inerente ao próprio recrutamento destes pilotos.

O foco de Hyakuta realmente vai na contramão da historiografia, que coloca grande parte dos kamikazes como jovens universitários e inexperientes, bombardeados pelo simbolismo do sacrifício dos samurais e na origem divina do imperador - o que faria dos mortos em combate motivo de orgulho maior do que os recrutas que sobreviviam para voltar para casa. Seu personagem, ao contrário, é um piloto experiente e competente, que tem como maior objetivo sobreviver à guerra para voltar para sua família.

O olhar para a guerra proposto em o Zero Eterno se origina nos silêncios do presente. E este é o fio condutor de toda a narrativa. Nele, seguimos dois netos de um piloto kamikaze, que buscam entender as motivações daquele avô, do qual nunca se fala em família, de morrer pelo imperador. De certa forma, a escolha estilística segue o que Pollack define como espaço de memorização do “senso comum” quando:

o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo’, os dominantes frequentemente são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência. (POLLAK, 1989, p. 9)

OS KAMIKAZES NA HISTÓRIA DO JAPÃO

Kamikaze é uma palavra japonesa que significa “vento divino” e faz referência a um fenômeno natural que faz parte de sua história: um tufão, que em 1281 impediu as tropas mongóis de invadirem seu território. Refere-se ao desdobramento de uma guerra de fronteiras iniciada alguns anos antes em 1274. Se, em uma primeira retirada mongol, depois de seis anos de preparação e um avanço gigantesco em campo de batalha, dado aos seus armamentos superiores, bem como à capacidade dos seus combatentes, nunca foi bem compreendida pelos estudiosos de táticas de guerra e associada, na memória do povo

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

japonês com um tufão (do qual não se encontram registros), em 1281 em um episódio que acabou conhecido como “Batalha de Takashima” que durou um dia e uma noite, o exército mongol acabou atingido por um tufão que teve lugar na baía de Hakata, e desta vez, acabou amplamente documentado. O saldo do fenômeno foi positivo as forças japonesas, uma vez que, depois de dois dias em atividade, causou muitas baixas entre os invasores, entre mongóis, chineses e coreanos. (TURNBULL, 2006, p. 329). Este tufão ficou conhecido como *Kamikaze*, o vento divino.

Esse episódio acabou por funcionar como um dos pilares de tradição inventada entre os japoneses durante todo o período imperial (que se encerrou na segunda guerra mundial). Este mito servia de apoio para a ideia de que Japão era uma terra realmente protegida pelos deuses, que sempre soprariam para longe todos os bárbaros invasores (ASHKENASI, 2003, p. 188). Junto com a ideia de poder divino do imperador e da figura do samurai e seu código de honra, essas referências acabaram sustentando a noção de identidade japonesa, sendo resgatadas e utilizadas em diferentes momentos de sua história. Além de sua função identitária, é importante lembrar que a expressão “vento divino” também é uma forma de se referir ao deus *Fujin*, uma divindade budista/shinto que rege os ventos (ROBERTS, 2010, p. 41; MERCATANTE; DOW, 2009, p. 395).

Essa carga simbólica foi retomada em 1944. com a formação do “*kamikaze tokubetsu Kogekitai*” ou “corpo especial de intervenção kamikaze”. Também conhecidos como tokkotai, ou “corpo de ataque especial”, o Tokkotai era um grupo de pilotos treinados para realizar ataques suicidas, em aviões armados com 250kg de bombas, com o intuito de atacar porta aviões inimigos. Essa prática de ataques suicidas passou a ser utilizada em um momento de crise para os militares do Império Japonês, iniciada logo após ao ataque a Pearl Harbor, em 1941. Neste momento Império Japonês tinha, em seus caças os Mitsubishi A6M Zero uma vantagem técnica, que mudou em 1943 com a introdução de outro tipo de caças, o que permitiu a conquista do espaço aéreo pelos Estados Unidos. A perda massiva de aviões japoneses, derrubados neste período, levou a sugestão dos aviões suicidas. Ainda que planejada pelos altos oficiais, nenhum tomou parte da ação. Foram utilizados mais de 2.000 desses aviões suicidas, e alguns passaram a ser construídos especificamente para essa

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

finalidade. Essas máquinas carregavam combustível apenas para o voo de ida, até o alvo. e durante dez meses, afundaram quase quarenta navios, danificando quase 300, especialmente na chamada campanha de Okinawa, quando o uso de aviões suicidas passa de esporádico para tática principal.

Não eram apenas aviões e pilotos que acabavam engajados em ataques suicidas. Segundo MASSON (2014,p.614):

“ Tendo sistematizado o espírito da organização destes ataques, os japoneses também estudaram seus meios. Além de aparelhos clássicos dos mais modernos aos mais antigos, que saio consumidos neste estilo de ataque o exercito e a marinha desenvolvem: - Bombas humanas, as Ohka (apelidadas Baka) propulsadas por um foguete [...] torpedos humanos, os Kaiten. - Submarinos suicidas com 5 (koiru) ou 2 homens (Kayru)- Lanchas suicidas as Shinzo.

As táticas suicidas conseguiram atingir muitas almas e máquinas. Grande parte dos pilotos eram recrutados na universidade. Oficialmente, a decisão de se tornar um piloto em missão suicida era voluntária, ainda que isso nem sempre correspondesse a realidade. Havia todo um simbolismo cerimonial, que associava os soldados com a flor de cerejeira, por sua força e efemeridade, onde os soldados ouviam discursos sobre a importância de se sacrificar pelo imperador. Alguns historiadores afirmam que, uma vez apontado como kamikaze, o soldado não poderia declinar da "honra". No dia da missão final, todo um ritual era seguido.

Escreviam poesias, ganhavam um brinde de saquê, levavam a bandeira, amarravam a hachimaki (faixa) e talvez também usavam o sennibari (cinto). Na medida em que os caças estadunidenses se tornaram capazes de identificar os avisos nipônicos, as habilidades de pilotagem eram mais valorizadas, dado a necessidade de resistir até colidir com os alvos.

Entre os soldados com missões suicidas, os pilotos acabaram se tornando os mais conhecidos e hoje em dia, a palavra kamikaze é sinônimo de atitude extrema, e/ou suicida. Nos Estados Unidos, as primeiras reportagens sobre os kamikazes vieram em abril de 1945 após a censura ocasionada pelos militares. A imprensa daquela época acabou criando para estas pessoas a imagem de fanáticos. Ainda assim, o espaço ocupado pelos pilotos na memória japonesa é controverso. E é sobre essa questão que o mangá analisado no presente texto, se dedica. Neste sentido, é um retrato de silêncio que inicia a historia, como primeiro

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

argumento”gráfico e textual. Graficamente no homem sem rosto que ajuda a passar a ideia de esquecimento e vazio do texto:



FIGURA 1: Primeira página do mangá “O Zero Eterno”. Fonte: HYAKUTA, Naoki & SUMOTO, SOUICHI. O Zero Eterno, vol.1. São Paulo: JBC, 2015.

A história se desenrola como uma resposta a lacuna do indivíduo que também se apresenta como um vácuo frente ao passado. Seu agente principal é o personagem central do mangá: Kentaro Saeki, um jovem de 26 anos que sente que sua vida está estagnada: há alguns anos reprovando no Exame Nacional de Advocacia, o rapaz sente falta de algo que o faça ter motivação e fazer o “motor” da sua vida funcionar. Ao ser contratado pela irmã para descobrir mais sobre o avô que eles chamam de “fantasma”, já que a mãe não o conheceu e a avó casou de novo, acaba, no processo de recuperar o passado, descobrir o sentido de sua própria vida. De certa maneira, narrativamente, a obra ficcional aponta o mesmo caminho da teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen, quando ele afirma que, ao ser gestado nos problemas da “vida prática” um dos principais objetivos da história é estabelecer núcleos de sentido e identidade. Desta maneira, a consciência histórica, enquanto experiência individual no tempo e sobre o tempo, é um elemento central na construção da identidade

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

dos indivíduos. A construção da identidade pode ser definida como um espaço em que o simbólico e social se amalgamam a partir e através do tecido social, em conformidade com o que Stuart Hall (2000, p. 111-112) propõe:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso [...] Isto é, as identidades são as posições que sujeito é obrigado a assumir, de apego, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações.

A ideia central é que, enquanto seres humanos, somos seres envolvidos na narrativa histórica de diferentes maneiras. Todas elas acabam por dialogar na construção da aprendizagem do indivíduo – ou seja, em sua “formação histórica”, enquanto o conhecimento que lhe serve de orientação nos diferentes aspectos vivenciados. Ao escolhermos quadrinhos que se utilizam de uma referência histórica para sustentar o argumento principal dos diferentes enredos, entendemos que, no uso público dessas diversas balizas, encontram-se, amalgamadas, tensões entre a cultura e as referências dos grupos envolvidos e dos padrões de consumo, próprios a um objeto da cultura de massas. Todas essas coisas acabam funcionando como elementos que dão a conhecer tanto a experiência de um passado, quanto acabam estruturando uma narrativa que dá sentido – em maior ou menor grau – às experiências de vida. Essa narrativa estruturada é como uma espécie de teia formada pelos diferentes significados construídos pela pessoa durante sua existência. É um fundamento sempre lembrado, exercido, modificado, trabalhado, o que mantém sua natureza dinâmica, aberta a diferentes tecnologias, conceitos e fenômenos.

Isso significa que a prática de construir narrativas históricas se configuram num espaço central da própria experiência de vida humana, uma vez que é este sentido possível de orientação temporal constrói uma espécie de conexão com os diferentes entendimentos do passado e nossas identidades atuais. Desta maneira, enquanto pensamos história, vamos

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

construindo um sentido para nossa vivência no mundo e o entendimento que extraímos desta vivência.

Nesta perspectiva, fica mais claro a opção nacionalista tomada por “O zero eterno”. Para além da ausência, o argumento seguinte a ser questionado na construção do avô fantasma é justamente se existe comparativo entre a ação dos kamikazes com a dos jihadistas na atualidade. Esta é uma controvérsia bastante presente entre os jornalistas e acadêmicos japoneses e uma ideia incomoda para nosso personagem principal, como se percebe na figura abaixo, quando ele engasga durante sua conversa com a irmã:



FIGURA 2: Começo do projeto de resgate da memória do “avô fantasma” de “O Zero Eterno”. Fonte: HYAKUTA, Naoki & SUMOTO, SOUICHI. O Zero Eterno, vol.1. São Paulo: JBC, 2015.

Na medida em que o personagem de Kentaro Saeki entrevista pessoas que conviveram com seu avô e se ressentem de suas lembranças - afinal ele era um piloto que não queria morrer e portanto, quebrava o padrão usual, do orgulho em sacrificar-se pela pátria e o imperador, ele vai reconstruindo a ideia de um piloto habilidoso que em algum momento - e de maneira consciente, sacrificou si mesmo em nome de um ideal e de uma promessa. Na medida em que vai avançando na lembrança, muitos paralelos na experiência

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

do avô e do neto são constituídos. Narrativamente, o protagonista se coloca em posição de descobrir a “verdade”

Assim se apresenta o argumento principal. Do sacrifício de alguns em nome da vida de todos. Entender o papel do avô na vida de uma série de indivíduos e conhecidos do mesmo leva nosso protagonista a estabelecer um sentido para a própria vida e reconhecer sua força. Seu avô deixa de ser um silêncio para ser aquele que permitiu que outras vidas continuassem.



FIGURA 3: Sobrevivente fala do significado do Tokkotai. Fonte: HYAKUTA, Naoki & SUMOTO, SOUICHI. O Zero Eterno, vol. 5. São Paulo: JBC, 2015.

Ao estruturar essa mudança discursiva sobre o passado, percebe-se uma inversão da narrativa mais comum das relações da população japonesa com a experiência de perder uma guerra. Ao invés de construir a negação da guerra enquanto imperativo, ela resgata o sacrifício, acima da irracionalidade da batalha. Esse é o principal argumento em o Zero Eterno. A carga dramática dessa percepção sobre o passado é ampliada pelo uso da ideia

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

romântica de reencarnação, pelo autor, para potencializar a ideia de interconexão entre os personagens envolvidos na trama. Ela aparece de duas maneiras: ao tentar explorar a ideia de que o neto poderia ser o avô reencarnado, e no fim da história, quando ao confrontar seu avô vivo, descobre que ele que conhecia o "avô fantasma" e foi salvo por ele. De certa maneira, a formação da família de nosso protagonista acaba sendo justificada pela escolha de seu avô piloto e de seu pedido a um subordinado, que, se algo acontecesse com ele, cuidasse de sua família. Assim, o uso central do passado enquanto espaço de construção de sentido presente no mangá o Zero Eterno é quase um apagamento da história enquanto contexto em nome do entendimento individual da uma experiência da vida, que adquire seu ponto maior de explicabilidade ao deixar em aberto a ideia de que todas as pessoas constituiriam elos de uma mesma corrente, de uma experiência mística e de um destino. Sua apropriação conservadora do passado é bastante clara. E é emblemático o sucesso comercial do recorte escolhido por Hyakuta. Retomando a Pollack, em suas reflexões sobre memória e identidade percebemos que ainda que pouco usual historiograficamente, o sentido conservador é latente no Japão da atualidade:

"quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual". (POLLAK, 1992, p. 8)

No passado o discurso da extrema direita em torno das questões da história japonesa e da infalibilidade do imperador, tinham espaços muito limitados de aceitação e não eram considerados válidos. A ampla acensão da história proposta por Hyakuta demonstram que todo o tensionamento em torno deste passado proposto pelo grupo conservador pode sim, ser bem aceito pelo público, e que o discurso nacionalista, tem um crescimento bastante presente entre os jovens, ainda que em escala global, apareça embalado na forma de um objeto de consumo, e não de um espaço de disputa política. Ainda assim, como a experiência do "Escola sem Partido" em terras brasileiras demonstra, isso é só uma "capa semântica" para uma disputa muito mais profunda, em torno do sentido da história sendo



consequentemente, uma disputa política entre grupos que buscam acender ao poder. E que, portanto, deve ser identificada e debatida.

REFERÊNCIAS:

ASHKENAZI, Michael. Handbook of Japanese Mythology. Santa Barbara: ABC Clio, 2003.

DOWER, John W, Embracing Defeat: Japan in The Wake of World War II. Nova York: W.W. Norton & Company, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MASSON, Philippe. A Segunda Guerra Mundial: História e Estratégias. São Paulo: Contexto 2014.

MERCATANTE, Anthony S; DOW, James R. World Mythology and Legend. Nova York: Facts On File, 2009.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. Estudos históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, nº103, 1992

RÜSEN, Jörn. A razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

TURNBULL, Stephen. Enciclopédia dos Samurais. São Paulo: JBC, 2006.

Fonte:

HYAKUTA, Naoki & SUMOTO, SOUICHI. O Zero Eterno (5 volumes). São Paulo: JBC, 2015.